

Barricadas na Academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Netto

*Leonardo Affonso de Miranda Pereira**

Os leitores mais atentos do *Jornal do Commercio* depararam-se, no dia 17 de dezembro de 1881, com uma estranha publicação. Nas folhas centrais, em meio às colunas do “A pedidos” — que costumava aceitar matérias pagas em forma de artigos e cartas — aparecia, quase escondida, uma singela poesia, intitulada “No deserto”. Tratava-se da primeira tentativa de divulgação de um rapaz que, até então, não passava de um completo desconhecido nos círculos letrados da Corte: Coelho Netto, que tinha apenas dezessete anos de idade. O próprio fato de que fosse obrigado a pagar para iniciar a colaboração na imprensa indicava a dificuldade que um pretendente a literato enfrentava para se fazer conhecido. Espremidos entre a propaganda eleitoral de um candidato conservador e a transcrição de um artigo político de um jornal do interior, os versos não alcançaram naquele momento nenhuma repercussão. Marcavam, porém, sua estréia em letra de fôrma, constituindo uma espécie de declaração dos princípios que norteavam tal entrada no mundo das letras — na qual se definiam os pontos que caracterizariam a atuação do escritor nos anos seguintes.

* Pesquisador do CECULT — Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, IFCH/UNICAMP.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 10, pp. 15-37.

Se, nas décadas posteriores, Netto viria a se tornar um dos principais literatos do país, chegando a receber, em 1928, da revista *O Malho*, o título de Príncipe dos Prosadores Brasileiros,¹ naquele momento ele era ainda um simples aspirante a escritor, que se igualava a muitos outros rapazes, que faziam das letras um passatempo erudito. A marca que imprimiria às suas primeiras produções, assim como as opções que tomou nos primeiros tempos de atividade literária, pode, porém, nos ajudar a entender muito dos sentidos que marcariam, nos anos seguintes, a atuação dele e de outros escritores de seu grupo. Perseguir as primeiras tentativas de exposição pública do jovem escritor, tentando entender suas motivações e seus pontos de vista, parece, assim, um meio promissor para investigarmos os motivos do engajamento de uma série de jovens como ele no combate à escravidão, na tentativa de perceber como se dava a relação entre a atividade literária desses jovens e a militância que exerciam em favor da determinadas lutas sociais.

Ao dedicar sua primeira poesia publicada a Mello Morais Filho, que ainda não conhecia pessoalmente,² Coelho Netto começava a definir o perfil que desejava imprimir à sua atuação literária. Com 37 anos de idade, aquele era, então, um médico, que, através do jornalismo e da poesia, ganhara certa projeção no círculo literário da Corte. Conhecido posteriormente por seu interesse pelos hábitos e pelas tradições dos grupos iletrados, que sete anos depois resultariam na publicação do livro *Festas populares do Brasil — Tradicionalismo*,³ destacava-se no período pelo engajamento na luta abolicionista — à qual o jovem literato, a julgar por seus versos, parecia também querer se engajar:

É noite! O simun uiva furente.
O luar doura o areal ardente.
Treme o palmeiral.
O caimão dormita além da brenha,
A cascata ruidosa se despenha
N'um lago de cristal.

¹ Conferir Leonardo Pereira, *Sonhos de conquistador. Uma biografia de Coelho Netto*, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura — IFCH/UNICAMP, 2000 (mimeo.).

² Cf. Paulo Coelho Netto, “Imagens de uma vida”, Coelho Netto, *Obra seleta*, vol. 1, Rio de Janeiro, Aguilar, 1958, p. LXXXV.

³ Trata-se da primeira versão do livro, chamado posteriormente *Festas e tradições populares do Brasil*. Sobre Mello Morais, conferir Martha Abreu, “Mello Moraes Filho: festas, tradições populares e identidade nacional”, Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (orgs.), *A História contada. Capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

Brame iroso o tigre beluíno,
Atravessa o Saara o beduíno
 À frente dos camelos;
Se ergue no deserto a múmia eterna;
Sai a África do fundo da caverna
 Envolta nos cabelos.

Caminha arrastando os férreos grilhos,
Grita, procura, chama pelos filhos,
 O eco lhe responde.
Desliza oculto e vagaroso o Nilo,
Ouvindo o eco, lesto o crocodilo
 No caniçal s'esconde!

Escravo! Brada a esfinge sibilando.
Escravo! Diz a brisa s'embalando
 Nas folhas do baobad.
Maldito seja o dia em que o formoso
Chan tu viste e disseste: 'sê meu esposo...
 Serei tua Eloá!'.⁴

Embora sem grandes qualidades estéticas, como reconheceria posteriormente o próprio Coelho Netto, ao tratar das poesias que escrevera na juventude,⁵ os versos anunciavam muitas das características que, nos anos seguintes, constituiriam as marcas de sua atuação literária. O estilo rebuscado e palavroso, com um vocabulário obscuro para os próprios contemporâneos, servia de moldura para os passeios de sua imaginação pelas areias do Saara. Apesar da escolha distante do tema, ligado aos desertos africanos, a forma de abordá-lo denunciava a proximidade dos objetivos imediatos de sua poesia: filiando-se a uma tradição da qual faziam parte literatos abolicionistas, como Castro Alves e o próprio Mello Moraes Filho, os versos de estréia o ligavam diretamente à luta contra a escravidão. Ainda que retratada de uma forma metafórica, com alguns personagens e palavras, cujos sentidos se perdem no tempo, a idéia de uma África selvagem, sofrendo com a distância dos filhos aprisionados em grilhões, encontra-se explicitamente marcada. Anunciava-se, assim, o surgimento de um poeta que tinha no apego à fantasia uma de suas manias e, no engajamento abolicionista, um de seus motes principais.

⁴ “A pedidos”, *Jornal do Commercio*, 17 de dezembro de 1881.

⁵ Conferir, a respeito, N. [Coelho Netto], *O Paiz*, 31 de agosto de 1893.

Claro no seu aparecimento a público, o conteúdo político dos primeiros vôos literários de Coelho Netto constituía uma novidade em sua vida. Ainda no ano anterior, quando já tinha 16 anos, o distanciamento em relação a questões sociais mais amplas se faria notar — como ele conta em uma crônica de memórias, publicada muito tempo depois:

Posto que, desde o Natal, se boquejasse, na minha rua sossegada, que o dia de Ano Bom seria de fogo e sangue, porque o povo, açulado por agitadores, estava no firme propósito de não pagar o imposto do vintém, não dei importância às atordoadas e aí por volta das três horas, muito gamenho na minha fatiota domingueira e com dez tostões no bolso — e isso era dinheiro a valer nesse tempo! — deixei o lar paterno e fui-me com disposições perdulárias pelas ruas fora.⁶

Sem importar-se com os boatos sobre a iminente revolta, o jovem Henrique se teria deixado levar pelos prazeres da rua. A princípio, não se mostrava preocupado com a situação daqueles que, ao contrário dele, não tinham dinheiro para gastar com bobagens — não podendo sequer arcar com um pequeno aumento no preço das passagens de bonde.⁷ Sua atenção só é despertada quando, chegando ao Largo do Capim, encontrou figuras que ele descreveu como uma “capadoçagem perigosa que caminhava às gingas”, o que o fez concluir pertencerem todos a uma malta de capoeiras. O medo, presente em sua descrição, o fez perceber que algo de estranho acontecia, o que pôde confirmar ao ver a multidão, vindo aos gritos do Largo de São Francisco, fugindo da cavalaria policial. Depois de muito correr, conseguiu esconder-se, para ver, com espanto, o tumulto: “dois bondes virados, um deles a arder, batalhões formados e a mó de povo atupindo toda a praça, compacta e fremente na rua do Ouvidor e na travessa de S. Francisco”. Decididamente, tratava-se para ele de um evento assustador.

Era, na sua lembrança, a primeira vez que acompanhava de perto uma manifestação do gênero. Um amigo passou, espavorido, e o chamou para ir à frente da redação de um jornal ouvir o discurso de um certo Lopes Trovão, que liderava a manifestação. O medo, porém, acaba falando mais alto e, ao ouvir tiros sendo disparados, correu para casa, onde sua mãe o esperava, preocupada. Distante o bastante das agitações sociais para não entender o que se passava, Coelho Netto mostrava, aos dezesseis anos, a distância que o separava

⁶ Coelho Netto, “Lopes Trovão”, *A Noite*, 17 de dezembro de 1925.

⁷ Conferir, sobre a revolta do vintém, Sandra Graham, “The vintem riot and political culture: Rio de Janeiro, 1880”, *Hispanic American Historical Review*, agosto de 1980, 60 (3), pp. 431-449.

do engajamento político. Em apenas um ano, porém, passaria a se colocar como soldado da causa abolicionista, deixando de lado o individualismo e a despreocupação, que, até então, mostrara, em face das grandes questões de seu tempo. Feita de forma abrupta e radical, tal mudança aparece à primeira vista como um enigma. A atuação literária do jovem escritor, nos anos seguintes, trataria, no entanto, de dar um sentido mais claro a muitas de suas escolhas, permitindo compreender as motivações do engajamento, que marcaria suas primeiras produções.

A publicação dos versos no *Jornal do Commercio* não significava de fato o início de uma carreira literária promissora. Sem obter repercussão, ela não deu a Coelho Netto nenhuma espécie de retorno pelo dinheiro aplicado. Mesmo assim, não desistiu: no início do ano seguinte, voltaria à carga, mandando para a redação da *Gazetinha* — jornal literário, dirigido por Artur Azevedo⁸ — dois contos de sua autoria. Novamente o resultado foi decepcionante. O próprio Azevedo, responsável pela correspondência do jornal, tratou de desestimular o jovem pretendente a escritor, afirmando que ele deveria “procurar outro ofício”.⁹ Apesar do novo fracasso, continuou tentando afirmar-se na literatura. Suas oscilações entre as tentativas de escrever “um poema épico”, ao qual deu o nome de “Guanabara”, e o esforço para dar forma a uma peça de teatro, chamada “A profecia”, mostravam que ele buscava um caminho particular de inserção no meio literário. Sem conseguir publicar nenhum dos trabalhos, porém, acabou rendendo-se à necessidade de buscar outros meios de sobrevivência. Terminados os estudos no Colégio Pedro II, entrou para a Faculdade de Medicina, que abandonou no ano seguinte, para matricular-se na prestigiada Academia de Direito de São Paulo.¹⁰

Para qualquer rapaz da sua idade, entrar na Academia era um grande sonho. Tratava-se, para jovens como Coelho Netto, do principal atrativo da capital paulista — cidade ainda pequena e pacata, muito distante do cosmopolitismo que tomava conta da Corte. Mesmo aqueles que, por terem herança familiar ou sentirem vocação diversa, não desejassem exercer a advocacia, tinham pelo título de Bacharel em Ciências Jurídicas um grande desejo. Centro

⁸ Além dele, participavam da redação do jornal Aluísio Azevedo, Urbano Duarte e Arthur Barreiros. Cf. *Gazetinha*, 12 de fevereiro de 1882.

⁹ É o que lembra Coelho Netto, em uma entrevista, concedida em 25 de maio de 1921, para a revista *Novela semanal*; apud Péricles Moraes, *Coelho Netto e sua obra*, Porto, Livraria Chandron, 1926, p. 141.

¹⁰ Cf. Paulo Coelho Netto, “Imagens de uma vida”, *op. cit.*, p. LXXXV; e Péricles Moraes, *op. cit.*, p. 142.

formador dos principais quadros políticos e administrativos do Império, a Faculdade de Direito de São Paulo aparecia, desde a primeira metade do século XIX, como um trampolim para uma carreira promissora no serviço público¹¹ — congregando por isso os filhos das altas rodas da Corte e das províncias. Graças ao apoio da mãe, que lhe dava uma mesada de Rs. 70\$000, o jovem pretendente a literato conseguia ingressar na turma de 1883, da qual faziam parte nomes de prestígio, como Rodrigo Otávio de Menezes (filho de um influente político do Império), Rivadávia Correia (que seria Ministro da Justiça de Hermes da Fonseca) e Aaulfo de Paiva.¹²

O que mais parece ter marcado Coelho Netto na chegada à nova escola era o formalismo. A primeira visão da faculdade, no Largo de São Francisco, podia dar aos estudantes uma boa idéia do que os esperava:

Ocupando o prédio de um antigo convento, a Academia guardava em sua fachada o tom imponente e severo da antiga instituição. Iniciadas as aulas, logo



(Spencer Vampré, Memórias para a história da Academia de São Paulo, vol. 2, Brasília, INL, 1977)

¹¹ Conferir Sérgio Adorno, *Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, e Lilia Schwarcz, *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 187-1930*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

¹² Cf. “Excerto de uma entrevista de Coelho Netto, concedida a *A Noite*, em 1925, sobre o início de sua atividade literária”, apud Paulo Coelho Netto, *Coelho Netto*, Rio de Janeiro, Valverde, 1942, p. 147, e Spencer Vampré, *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, vol. 2, Brasília, INL, 1977, p. 309. Sobre o preço do enxoval, ver o anúncio da “Casa especial de vestidos feitos”, *Gazeta da Tarde*, 23 de setembro de 1885.

descobririam que a severidade da construção correspondia à rigidez do quadro docente. O diretor da faculdade, André Augusto de Pádua Fleury, havia sido presidente das Províncias do Ceará e de Santa Catarina e, até o ano anterior, compunha o Gabinete Ministerial na pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.¹³ Como ele, outros mestres da Academia eram também figuras conhecidas da política imperial e esmeravam-se em preservar a severidade de sua imagem. Era o caso do professor de Direito Civil, chamado pelos alunos de Justino. Lembrado por Coelho Netto em uma crônica, era descrito por alguns dos colegas como um celibatário que conhecia “todas as leis, menos as naturais” — vivendo entre os livros e detestando “a mulher e o vinho, a música e as flores, a retórica e a salada de pepinos”. Ao incluir em um mesmo movimento a admiração pela erudição e o estranhamento pela gravidade, a definição condensava a impressão que o próprio Coelho Netto parecia formular dos seus mestres: vendo-o como o “último remanescente ferrenho do arcaísmo”, mostrava um misto de fascínio pela sapiência e pela erudição de alguns de seus professores e a decepção com o formalismo e a imponência que via na Academia de São Paulo.¹⁴

Tais defeitos eram amenizados pela intensa convivência do jovem literato com alguns de seus colegas. Na chegada a São Paulo, em uma noite de quaresma, seguiu da estação de trem direto para a esquina da Ladeira do Porto Geral, onde ficava o Hotel Boa Vista — cujos hóspedes eram, segundo o próprio escritor, quase todos estudantes da faculdade. “Escusado é dizer que me fizeram as honras da casa, não como os árabes costumam acolher nas tendas aqueles que os procuram, mas como galos antigos dos poleiros recebem os frangos mais novos”, diria ele anos depois¹⁵. Mais do que centro de pândegas, no entanto, o ambiente das repúblicas universitárias era também espaço para importantes discussões — como aquela a que assistiu logo após a chegada, quando da passagem, pela rua, de uma procissão: enquanto muitos viam nela a mostra da “miséria moral” de “toda uma população abalada pelo fanatismo”, cobrando providências do poder público, outros saíam “em defesa da religião e do seu ritual, demonstrando a necessidade desse culto externo”. Sem saber o que dizer, ao ser chamado a dar uma opinião, Coelho Netto logo pôde sentir o clima de polêmica, alimentada pela leitura de novas obras filosóficas, que marcaria sua estada na

¹³ Cf. Augusto V. Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883, p. 78.

¹⁴ Coelho Netto, “Um sábio”, *A bico da pena. Fantasias, contos e perfis (1902-1903)*, 2ª edição, Porto, Chardron, 1919, pp. 23-29.

província. Junto com colegas, também afeitos às letras, como Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Raul Pompéia e Augusto de Lima, ele entrava, assim, “naquela vida boêmia de então, sob a impressão, ainda, dos versos de Álvares de Azevedo...”¹⁶

A afirmação da vida boêmia desses tempos não se baseava somente na galhofa e na algararra da vida estudantil, a partir da qual dariam forma a seus versos e à sua prosa. Na acepção adotada por esses jovens estudantes, ser boêmio significava também uma certa postura de ação e de pensamento, que lhes daria a marca que tentavam imprimir ao grupo: a de partidários da luta por um ideal novo e nobre. No caso desses jovens, tal impulso se materializava no engajamento profundo, no início da década de 80, com a causa abolicionista. Contemporâneos do processo de desmoronamento da ideologia de domínio senhorial (que tivera na Lei do Ventre Livre, em 1871, uma de suas marcas principais¹⁷), tinham pela frente um mundo de indeterminações. Movidos por interpretações particulares de algumas das correntes filosóficas que começavam a se fazer fortes na Europa, como o socialismo de Proudhon ou o positivismo de Augusto Comte, pensavam a si mesmos como os representantes legítimos de um novo tempo — no qual a escravidão seria um anacronismo imperdoável, e a República, a imagem acabada do progresso.¹⁸

Destacavam-se, nesse movimento, os nomes de Valentim Magalhães e Raul Pompéia. O segundo já era, em 1883, um escritor com algum destaque. Poucos anos antes, ainda na Corte, publicara com sucesso o livro *Uma tragédia no Amazonas*, que lhe abriu as portas para a participação em grandes jornais, como a *Gazeta de Notícias*. Ao entrar para a Academia, em 1881, ligou-se ao grupo de Valentim, que fazia parte da redação de uma folha acadêmica, intitulada *A comédia*. Junto a outros estudantes, os dois passariam a capitanear o movimento acadêmico em favor da abolição, na Faculdade de Direito. Com a morte, em 1882, de Luiz Gama — rábula negro, que, após ser ilegalmente escravizado pelo pai, na infância, conseguiu a liberdade, transformando-se na prin-

¹⁵ *Idem*, p. 23.

¹⁶ *Apud* Péricles Moraes, *Coelho Netto e sua obra*, *op. cit.*, p. 141.

¹⁷ Conferir, a respeito, Joseli Nunes Mendonça, *Entre a mão e os anéis. A lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*, Campinas, Ed. da UNICAMP/CECULT, 1999, e Sidney Chalhoub, *Visões da Liberdade: uma história dos últimos anos da escravidão na Corte*, São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

¹⁸ Sobre a influência dessas correntes filosóficas entre os estudantes da Academia, ver Eloy Pontes, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1935, p. 79.

principal liderança do movimento abolicionista na capital paulista¹⁹ — a atuação desses estudantes ganharia uma intensidade ainda maior. Sem poder contar com o apoio do líder pelo qual mostraram, em diversas ocasiões, a mais completa admiração, transformavam-se, a partir de então, em partidários intransigentes da campanha pela extinção da escravidão, publicando na imprensa acadêmica artigos inflamados contra a posição dos escravocratas.²⁰

A influência de Luiz Gama sobre seus colegas indicava, dentro do amplo e variado movimento contra a escravidão, que já se fazia notar na década de 80 do século XIX, o tipo de luta patrocinada pelo grupo ao qual começava a se ligar. Embora ligado ao Partido Republicano Paulista, composto majoritariamente por fazendeiros e senhores de escravos, Gama marcara em vida a radicalidade de sua luta. Mesmo buscando o caminho da lei, fazendo do tribunal a sua principal trincheira, patrocinava uma campanha em favor da abolição e da república, que em muito se diferenciava das alternativas brandas de alguns de seus partidários — voltando-se para a busca de igualdade entre negros e brancos, sob o regime republicano, e não só da liberdade, entendida dentro dos marcos do pensamento liberal, então hegemônico.²¹ Alistando-se em sua tropa, jovens, como Raul Pompéia, definiam assim a particularidade de seu combate contra a escravidão e a favor da república: mais do que abolicionistas, era como jacobinos radicais que estes jovens estudantes entrariam na arena das disputas sociais.²²

A influência que tal movimento exerceria sobre Coelho Netto seria intensa. Contemporâneo, no Colégio Pedro II, do novo estudante da Faculdade de Direito, de quem era apenas um ano mais velho, Pompéia foi, desde a sua chegada a São Paulo, um de seus maiores apoios.²³ A poesia publicada anos antes mostrava que ele já compartilhava do mesmo tipo de crítica contra o regime escravista, que caracterizava a atuação dos outros acadêmicos abolicionistas. Somente com seu ingresso na Academia, no entanto, passaria a compor mais diretamente um grupo articulado em torno da defesa da cau-

¹⁹ Sobre a trajetória de Luiz Gama, ver Elciene Azevedo, *Orfeu de Carapinha. A trajetória de Luiz Gama na Imperial cidade de São Paulo*, Campinas, Ed. da UNICAMP/CECULT, 1999.

²⁰ Cf. Eloy Pontes, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, *op. cit.*, pp. 63-67 e 118-120.

²¹ Conferir Elciene Azevedo, *op. cit.*, capítulo 3.

²² Muitos anos depois, Max Fleiuss, amigo de Raul Pompéia, ainda o definiria como o “mais jacobino” dos literatos. Cf. Max Fleiuss, *Recordando...*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941.

²³ Cf. Paulo Coelho Netto, “Imagens de uma vida”, *op. cit.*, p. LXXXV.

sa. Mesmo a influência de Luiz Gama, já falecido quando da chegada de Netto a São Paulo, não deixaria de ser sentida — como mostraria, quase vinte anos depois, a apresentação que escreveu para a terceira edição das *Trovas Burlescas de Getulino*, livro satírico do líder negro.²⁴ Embora criticasse a rima “paupérrima” do autor, afirmando que seu verso “não prima pela beleza da forma”, mostrava-se ainda entusiasmado com “a audácia que empregou na sagrada campanha” — reconhecendo em Luiz Gama um grande literato, apesar da fragilidade que via em seus versos.²⁵ Evidenciava, com isso, a atração exercida sobre ele pelas lutas contra a escravidão, nas quais se engajou, após sua chegada a São Paulo, que envolviam, direta ou indiretamente, todos os seus companheiros do tempo de estudos na província.

O envolvimento com o movimento abolicionista radical custaria caro às pretensões bacharelescas de Coelho Netto. Em fins de 1883, antes de completar seu primeiro ano de estudos, acaba envolvido em um episódio no qual, aparentemente, não chegou a ter papel de grande relevo. Tratava-se, segundo suas lembranças, de um “grande rolo”. A posição francamente abolicionista do grupo de estudantes da Academia, no qual se inseria, os teria levado a entrar em conflito com um grande jornal da província, cuja influência se estenderia ao corpo docente da Faculdade de Direito. Em retaliação, estes alunos teriam sido reprovados nos exames de final de ano, o que entenderam ser mera represália por suas atitudes. A repercussão que o caso obteve na imprensa carioca e na paulista, que defendia a excelência dos alunos reprovados, mostrava a dimensão política por ele assumida. Segundo o desabafo publicado por Pompéia, a atitude dos professores da Academia mostrava somente ser ela “uma fábrica de iniquidade”:

(...) O rapaz não tem simplesmente que cumprir as obrigações comuns do estudante, matriculando-se no velho convento, o mosteiro de Silva Jardim; precisa mais enroupar-se da hipocrisia do seminarista e mascarar-se de sorrisos humildes e complacentes do laicaio. Aquele que não quiser sujeitar-se está perdido. Passará ileso pelo *veredictum* dos inquisidores do convento de São Paulo se tiver habilidade para se fazer despercebido e anular-se: se tiver a fantasia de acenar individualidade entre os colegas, nada mais lhe salva.²⁶

²⁴ Sobre Luiz Gama e suas *Trovas Burlescas*, conferir Elciene Azevedo, “Lá vai verso! As Primeiras Trovas Burlescas de Getulino”, Leonardo Pereira e Sidney Chalhoub (orgs.), *A história contada. Capítulos da história social da literatura no Brasil*, op. cit.

²⁵ Cf. Luiz Gama, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, 3ª ed., São Paulo, Bentley Jr. e Cia., 1904.

O servilismo e a passividade que Raul Pompéia dizia serem esperados dos alunos da Academia em nada combinavam com a atitude de embate aberto, na qual ele e seus companheiros se engajavam. Colocando-se de modo radical e apaixonado, era vítima fácil do rigor dos lentes — o que já lhe havia causado uma outra reprovação no seu primeiro ano, quando também não alcançara a nota necessária nos exames.²⁷ Luís Murat, jovem poeta, também participante das rodas acadêmicas abolicionistas, teria o mesmo destino, destilando, anos depois, pelas páginas da imprensa carioca, sua ira contra a “confraria de tolos”, que compunha o quadro docente da Academia — aos quais nomeia, um por um, com palavras fortes e agressivas.²⁸ Junto com eles, que eram do terceiro ano, era, porém, reprovado o calouro Coelho Netto, cuja identificação com os colegas abolicionistas já se fazia notar. Por ter ficado, segundo suas memórias, “um tanto incompatibilizado” com seus professores, é levado a mudar-se para Recife, a fim de prestar os exames do primeiro ano, sem risco de reprovação — pois, na Faculdade de Direito da capital nordestina, imperava o regime das “propinas”, que permitiam aos estudantes prestar exame em qualquer época do ano, mediante o pagamento de uma taxa em dinheiro.²⁹

O tempo que passaria em Recife não seria suficiente para mudar o caminho que Coelho Netto ia traçando para sua vida. Com professores mais simpáticos à causa abolicionista do que os que teve em São Paulo, pôde dar maior vazão aos ideais combatidos na Academia — chegando a colaborar, ocasionalmente, na *Folha do Norte*, grande jornal local.³⁰ Mesmo assim, a vida na cidade não parecia para ele apresentar maiores atrativos. Ao mudar-se, na segunda estada no nordeste, para o local onde Coelho Netto residira, Raul Pompéia afirmou, em carta enviada a um amigo, ser este em “(...) um ponto muito distante da cidade, denominado Cachangá”, onde nem sequer os carteiros chegavam, e para onde

²⁶ *Apud* Eloy Pontes, p. 145.

²⁷ Cf. “Excerto de uma entrevista de Coelho Netto”, concedida a *A Noite*, em 1925, sobre o início de sua atividade literária”, *apud* Paulo Coelho Netto, *Coelho Netto, op. cit.*, p. 147. Sobre o caso de Raul Pompéia, ver, *op. cit.*, pp. 86-87.

²⁸ L.M. [Luís Murat], “Escândalo na Academia”, *Gazeta da Tarde*, 20 de abril de 1886.

²⁹ Cf. *A novela semanal*, 25 de junho de 1921, *apud* Péricles Moraes, *Coelho Netto e sua obra*, Porto, Chardron, 1926, p. 142. Sobre o regime de “propina”, ver Eloy Pontes, *op. cit.*, p. 174. Quando, em 1886, um jornal da Corte propõe ao governo um inquérito para averiguar a benevolência da Faculdade de Direito do Recife nos exames, Raul Pompéia escreve um artigo, propondo que este investigasse também a suposta severidade da Academia de São Paulo — que só se manifestaria em estudantes “que não se apresentam a exame rebaixados pela súplica da misericórdia ou convenientemente munidos de recomendações que imponham”, Lauro [Raul Pompéia], “De Tudo”, *Gazeta da Tarde*, 13 de março de 1886.

se ia de trem, em uma viagem de uma hora. “É um lugar agradabilíssimo e magnífico para o estudo, pelo sossego campestre que ali reina”, diria ainda o literato, indicando a tranqüilidade que a falta de opções dava ao tempo de exílio no nordeste:

A minha residência é um hotel de preços cômodos e de Cômodos perfeitamente em harmonia com os preços. Se me demorar neste hotel, como pretendo, poderei estudar à farta, mesmo porque o preço das passagens (1\$200, ida e volta) nos obriga a não ir muita vez ao Recife.³¹

O dinheiro enviado mensalmente pela mãe, assim como o preconceito local contra as repúblicas de estudantes, não permitiriam a Coelho Netto se instalar em lugar melhor. Recluso em um ponto distante da agitação da capital, restava-lhe estudar para os exames. Embora tenha recebido em Pernambuco novas influências, como a de Tobias Barreto (lembrado por ele, muitos anos depois, como um “grande mestre³²), limitou-se, assim, a cumprir lá o tempo necessário para garantir sua aprovação, regressando a São Paulo a tempo de cursar o segundo ano.³³

No retorno à Academia, Coelho Netto estreitaria ainda mais os laços com os círculos estudantis abolicionistas, como indica uma crônica, escrita muito tempo depois. A princípio, ele, Raul Pompéia e outros colegas, como Figueiredo Coimbra — que era então redator do *Diário Popular* — foram morar na Rua do Chá, na “pensão de um homem quase cego, mas de olho vivo e nervos enfezados”, que passava as noites a fiscalizar os inquilinos com a mais rigorosa “disciplina moral”. Para terem quarto, café da manhã, almoço e jantar, pagavam Rs. 60\$000 mensais, valor que daria para comprar oito conjuntos de cama, travesseiro e colchão por mês.³⁴ O rigor do proprietário, porém, não parece ter agradado aos jovens estudantes. Em fins de 1884, Coelho Netto se muda, junto com Pompéia e Carlos de Magalhães — “um mineiro escanifrado, com mais espinhas do que um bagre que, por economia de roupa, andava em casa de guarda-pó sobre a pele” — para um chalé na Rua Vitória, em lugar próximo da Rua São João.³⁵

³⁰ Cf. Eloy Pontes, *op. cit.*, pp. 142-143; e *A novela semanal, op. cit.*

³¹ *Apud* Eloy Pontes, p. 157.

³² Cf. *A novela semanal*, 25 de junho de 1921, *apud* Péricles Moraes, *op. cit.*, p. 144.

³³ Cf. “Excerto de uma entrevista de Coelho Netto, concedida a *A Noite*, em 1925, sobre o início de sua atividade literária”, *apud* Paulo Coelho Netto, *Coelho Netto, op. cit.*, p. 147.

³⁴ Sobre o preço da cama, conferir anúncio “Sem competidor”, *Gazeta da Tarde*, 23 de setembro de 1885.

Fosse na pensão ou na nova casa, Coelho Netto estreitava cada vez mais a proximidade com Raul Pompéia. Para além do abolicionismo, no entanto, parecia ser a literatura o motivo da profunda admiração que começava a manifestar por ele. A lembrança nostálgica do “caos” em que vivia o quarto do companheiro, um ambiente com poucos móveis, mas com livros espalhados por todos os cantos, era uma pequena mostra da imagem que o jovem estudante formava sobre o amigo. Ao caracterizá-lo como um estudioso voraz, que “lia na cama até as tantas da noite” e declamava em voz alta os trechos que mais o entusiasmavam, o coloca como seu parceiro na “longa viagem poética” que fizeram por entre os clássicos maiores da literatura, dos gregos a Shakspeare. Como afirmou o literato, em outras crônicas de memórias, tratava-se de “um erudito”, que “lia Homero no original e recitava Virgílio”, exercendo por isso grande influência na sua formação literária. “Foi o homem que me preparou o espírito, que andou comigo pelos dias heróicos, que acendeu em minh’ alma a paixão do livro e fez dos gênios os deuses da minha religião”.³⁶ O tempo de convivência com Pompéia teria sido, assim, o período “mais fecundo de leitura” que já tivera em São Paulo. A partir desse contato, tentou dar forma aos seus primeiros contos e artigos de polêmica, consolidando a opção pela literatura.³⁷ Embora já estivesse, desde os dezessete anos, tentando firmar-se no mundo das letras, era o contato com o colega que daria o impulso definitivo para o que entendia ser sua vocação.

A participação na luta contra a escravidão, ao compor, junto com a atividade literária propriamente dita, o perfil que os novos pretendentes a literato tentavam formar para si mesmos, tornava-se, nesses tempos, cada vez mais intensa. É assim que, em agosto de 1884, seu nome aparece entre os membros da redação do segundo número de um jornal acadêmico mensal, chamado *A onda* — um autodefinido “órgão dos acadêmicos abolicionistas”.³⁸ A proposta da folha, expressa na edição de estréia, era a de “externar e definir na Academia os dois partidos que se levantam em todo o Império — o abolicionista e o escravocrata”. Ao fazer do combate à escravidão a grande questão política do momento, os redatores diziam-se imbuídos do “firme propósito de provocar” os adversários, travando com eles “combate sem tréguas”. Embora fosse nor-

³⁵ Coelho Netto, “Raul Pompéia”, *A noite*, 17 de dezembro de 1925.

³⁶ Coelho Netto, “Reminiscências”, *Páginas recolhidas*, Rio de Janeiro, Ed. Vecchi, 1945, pp. 87-88.

³⁷ *Novela semanal*, 25 de junho de 1921, *op. cit.*, p. 142.

³⁸ Cf. *A onda*, nº 2, 22 de agosto de 1884.

mal nos periódicos acadêmicos o tom de desafio,³⁹ desta vez confiavam no sucesso da luta por possuírem “superioridade de armas e argumentos para confundir-los”, baseando tal certeza na crença de terem, entre seus colaboradores, “quase todos os belos ornamentos da atual geração” dos alunos da faculdade, tendo alguns “desempenhado papel mui saliente no movimento político e literário da Academia”. Destacavam, entre estes, o nome de Coelho Netto, junto com outros estudantes, como Rivadávia Correia, Luiz Lemos e Vicente de Carvalho.⁴⁰ Não era de se estranhar, por isso, que ele aparecesse, no número seguinte do jornal, como um dos nove membros da redação, que dividia com Dias da Rocha, Gomes Cardim, Muniz Barreto, A. Tupinambá, Bittencourt Sampaio Júnior, Assis Brazil, Gustavo Galvão e o próprio Raul Pompéia. Incluído definitivamente no rol dos jovens acadêmicos abolicionistas, Coelho Netto colocava seu fascínio pelas letras a serviço do combate à escravidão, formando uma identidade combativa com os demais colegas — expressa nas freqüentes dedicatórias que um fazia ao outro nas páginas do jornal.⁴¹

A atuação de Coelho Netto na luta contra a escravidão não se resumiu, porém, aos jornais. Ao mesmo tempo que dava forma aos primeiros vôos literários, o jovem estudante passava também a freqüentar as tribunas, iniciando-se como orador “em discursos incendiários pró-abolicionismo”.⁴² No mesmo mês em que começava a publicar seus libelos a favor da libertação dos escravos nas folhas acadêmicas, o literato aparecia discursando, em solenidade promovida pela Caixa Emancipadora Luiz Gama, como representante da Comissão Libertadora das Circunvizinhanças da Academia.⁴³ Tratava-se de uma associação, constituída com o fim de libertar todos os escravos da região, na qual estava o prédio da Faculdade de Direito, angariando fundos para a compra da liberdade dos cativos ali existentes. Junto com ele, faziam parte da associação muitos de seus companheiros de redação, como Gustavo Galvão, Edmundo

³⁹ Ao analisar os periódicos acadêmicos paulistas do século XIX, Sérgio Adorno afirma que “o periodismo ocupou espaço decisivo nas lutas políticas internas à Academia e na formação cultural e intelectual do bacharel”: Sérgio Adorno, *Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira*, *op. cit.*, p. 158.

⁴⁰ *A onda*, nº 1, 19 de julho de 1884.

⁴¹ É o caso da dedicatória, feita por Gomes Cardim a Coelho Netto, quando da publicação de um de seus versos, ou daquela que o próprio Coelho Netto faz a Edmundo Barreto, em um de seus contos. Cf. Gomes Cardim, “Um S. Braz... Político”, *A onda*, nº 2, 22 de agosto de 1884, e Coelho Netto, “No oásis”, *A onda*, nº 3, 13 de setembro de 1884.

⁴² *Novela semanal*, 25 de junho de 1921, *op. cit.*, p. 142.

Barreto, Bittencourt Sampaio e Raul Pompéia.⁴⁴ Ainda que de forma restrita e limitada, estes jovens escritores marcavam, assim, um esforço de colocar sua vida a serviço da causa, ultrapassando o distanciamento da simples retórica.

O esforço de Coelho Netto para se engajar mais a fundo no movimento abolicionista aparece de forma definitiva em sua tentativa de aproximar-se de Antônio Bento. Tratava-se de um juiz municipal, que, após um discurso à beira do túmulo de Luiz Gama, jurando assumir a propaganda abolicionista em seu lugar, teria tomado a dianteira da luta contra a escravidão em São Paulo.⁴⁵ Aproveitando-se do crescimento do movimento abolicionista, que já lhe possibilitava uma ousadia de ação muito maior do que aquela permitida a seu predecessor na luta, tornara-se o líder de uma ala radical e atuante das associações abolicionistas da cidade — os “caifazes”.⁴⁶ Mais do que brigar na imprensa ou na justiça pela liberdade de escravos, como fizera Luiz Gama, o novo agrupamento passava a participar ativamente das fugas escravas, promovendo a liberdade mesmo ao arrepio da lei — invadindo senzalas para libertar cativos ou acobertando fugitivos na cidade.⁴⁷ Homem de posses, conservador na política e cristão na crença, presidiu por tempos uma ordem religiosa em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios, a partir da qual organizou e instrumentalizou sua campanha.⁴⁸

Foi em meio a uma festa de Irmandade que Coelho Netto foi apresentado a Antônio Bento. Alguns de seus colegas, como Raul Pompéia, já eram anteriormente ligados ao movimento — sendo redatores do *Jornal do Commercio*, por ele dirigido.⁴⁹ A proximidade com o grupo de acadêmicos abolicionistas radicais permitiu que o jovem maranhense viesse a conhecê-lo pessoalmente, sendo apresentado por um dos amigos. O próprio literato, quando da morte do líder abolicionista, se encarregaria de narrar o encontro:

⁴³ Cf. “Luiz Gama”, *Jornal do Commercio* (SP), 25 de agosto de 1884.

⁴⁴ Cf. “Libertação do Largo da Academia”, *Jornal do Commercio*, 29 de setembro de 1884.

⁴⁵ Cf. “Antonio Bento”, *Cidade do Rio*, 17 de fevereiro de 1888.

⁴⁶ Cf. Maria Helena Machado, *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ/EDUSP, 1994, p. 153.

⁴⁷ Cf. “Antonio Bento”, *Cidade do Rio*, 20 de agosto de 1888. Em carta enviada ao jornal *Correio Paulistano*, em 1885, a propósito de uma busca dada em sua residência, à procura de escravos fugidos, o próprio Antônio Bento reconhecia o costume de receber tais escravos fugidos, justificando-se por promover “causas de liberdade”, *Gazeta da Tarde*, 19 de outubro de 1885.

⁴⁸ Cf. “Antonio Bento”, *Cidade do Rio*, 17 de fevereiro de 1888, e Maria Helena Machado, *op. cit.*, p. 153.

(...) Antônio Bento, ereto, com um casacão felpudo que lhe descia abaixo dos olhos, afagava o cavanhaque basto, entre negros que sorriam. Recebeu-me com uma palavra amável e dizendo-lhe o meu apresentante que eu pretendia ser do grupo dos ‘roubadores’ Antônio Bento lançou-me um olhar forte e, apesar das lentes escuras do seu *pince-nez* eu vi o fogo vivíssimo das suas pupilas que ardi- am:

— Menino, olhe que isto não é brincado. Não pensa você que nós somos tratados aqui com bons modos: — eles não nos poupam — é a pau e bala que nos recebem. Se você quer meter-se n’isto disponha-se como um soldado que quer ir para a guerra. Isto é sério, como o diabo! Em cada esquina há um capi- tão do mato...

— Bem sei...

— E então?!

— Disponha de mim. Dias depois encontramos-nos em uma sessão, no Club do Braz e aí fizemos amizade (...).⁵⁰

A admiração do literato pelo líder abolicionista é patente na crônica. Cercado de negros, ele mantinha com estes uma relação que, para jovens acadêmicos como Coelho Netto — mais acostumados à retórica das letras de fôrma do que ao convívio com negros, lutando pela liberdade — parecia lhe conferir uma aura especial. Explicam-se, assim, os motivos que os levavam a alistar-se nas tropas de Antônio Bento como homens de ação, mostrando-se dispostos a ajudar concretamente na fuga de escravos. As dúvidas levantadas pelo líder abolicionista quanto à seriedade do seu oferecimento, mostrando o medo de que se tratasse de simples empolgação juvenil, confirmavam não ser aquela uma forma de engajamento muito comum entre os acadêmicos. A insistência de Netto, assim como sua participação no encontro entre caifazes, realizado em seguida (tenha ela perdurado ou não), indicava a importância que este tipo de participação assumia para ele e para alguns de seus colegas. Embora fosse como homens de letras que travavam sua luta, partiam de uma concepção sobre a literatura na qual o engajamento, mais do que opção, era uma necessidade. Junto com outros colegas acadêmicos, assumia uma concepção militante do trabalho literário, ressaltando uma profunda ligação com questões sociais mais amplas.

Nem por isso, porém, Coelho Netto deixaria de lado as questões pro- priamente estéticas. O mesmo movimento que levava o jovem escritor a

⁴⁹ Cf. Eloy Pontes, *op. cit.*, pp. 105-108.

⁵⁰ N. [Coelho Netto], “Fagulhas”, *Gazeta de Notícias*, 11 de dezembro de 1898. Agradeço a Elciene Azevedo a indicação da crônica.

envolver-se com as lutas abolicionistas fazia com que ele, com a pena na mão, tentasse apurar e rebuscar cada vez mais seu estilo, consolidando uma incipiente carreira literária. A partir da ligação com o grupo reunido em torno de Antônio Bento, conseguiu, pela primeira vez, espaço na imprensa do sudeste, para publicar, com alguma frequência, seus versos e contos — o que aconteceu no *Jornal do Commercio*, que tinha o próprio líder abolicionista como redator-chefe. No dia primeiro de agosto de 1884, aparecia na folha o soneto “Ao meio-dia”, aparentemente a primeira publicação não paga do jovem acadêmico na grande imprensa:

Ampla se estende a ubera campina
Pelo horizonte a forca rociada
Pasta luzenta a enorme cavallhada
Pelos encostas verdes da colina

Nedias potrancas saltam; dos moinhos
Ouve-se o tom sonoro e repetido
Como um longínquo e plácido gemido
Ou uma dolente variação dos ninhos

Dorme a donzela loura no terrasso (*sic*)
Corre a cadência triste pelo espaço
De uma canção monótona dos pretos.

Descem compridos carros estridentes
Pelos caminhos áridos e ardentes
Onde os colibris se cruzam inquietos.⁵¹

O estilo rebuscado não deixava dúvidas de que os versos fossem do mesmo autor que, dois anos antes, trouxera à luz, na seção paga de um jornal carioca, seus primeiros frutos. Ainda que de forma sutil e longínqua, aparece também no soneto alguma inspiração abolicionista, caracterizada pelo triste canto do negro, ao fundo. Desta vez, no entanto, a presença negra era casual e rápida, aparecendo em meio à paisagem, como se fora parte da natureza. Se, como abolicionista, conseguia espaço para a publicação, era como literato que se afirmava com sua poesia, na qual a militância cedia espaço a uma manifestação pretensamente mais pura. Parecia compreensível, por isso, que, ao publicar, nas semanas seguintes, no mesmo jornal, outras de suas produções, deixasse com-

⁵¹ Coelho Netto, “Ao meio-dia”, *Jornal do Commercio* (SP), 1º de agosto de 1884.

pletamente de lado o tema da escravidão — preferindo tematizar os encontros amorosos de uma jovem baronesa viúva, a saudade de uma donzela pelo irmão morto ou as qualidades musicais de uma pianista.⁵²

Tal vertente de sua obra ganharia uma expressão mais definida, quando, em fevereiro de 1885, resolve juntar-se a outros colegas para lançar *O meridiano*, outra folha acadêmica. Ao contrário de *A onda*, o novo jornal mostrava não ter no abolicionismo sua principal motivação. Mesmo contando entre seus redatores com estudantes tão envolvidos quanto ele na campanha abolicionista, como Gomes Cardim e B. Brazil, o editorial do primeiro número afirmava não ter o novo jornal “cor política”, destinando-se a tratar de tudo aquilo “que de certo modo aproveite” aos possíveis leitores.⁵³ Na mesma edição, uma carta de N. de Andrade cumprimentava os membros da redação “por terem posto de lado a importantíssima parte política”, inclinando-se “para o que diz respeito às letras” — deixando mais claro, com isso, o perfil da nova publicação.

De fato, o conteúdo do primeiro número do jornal denunciava serem as discussões sobre a arte sua motivação principal. Com poesias e contos de temas variados, diferenciava-se de outras publicações militantes, dirigidas, no período, pelos estudantes da Academia. Coelho Netto participa do número de estréia com o conto “Lúcia”.⁵⁴ Ao tematizar as desventuras de uma mulher jovem, bonita e culta, casada com um médico que só tinha olhos para a ciência, o texto indicava algumas das outras preocupações do autor: discutindo temas como o papel da mulher na sociedade, mostrava que o engajamento de sua literatura não se limitava à campanha abolicionista. O cuidado com a forma, no entanto, continuava a definir os trabalhos que publicava na revista — que abordariam temas tão aleatórios quanto a despedida de um soldado e sua namorada, quando este parte para o exército, ou as paisagens européias, nas quais uma criança loura cuidava de um campo de pastagens.⁵⁵ A veia literária do jovem escritor se manifestaria ainda na tradução do folhetim “O cabecilla”, de autoria de A. Daudet. Abrindo-se como espaço de exercício da atividade literária, os jornais acadêmicos ajudaram Coelho Netto a definir seu estilo e seu espaço, diferenciando-se de um discurso militante mais distanciado das preocupações artísticas.⁵⁶

⁵² Tratava-se, respectivamente, do conto “Flor da Noite”, *Jornal do Commercio* (SP), 14 de agosto de 1884, e das poesias “Saudade”, *Jornal do Commercio* (SP), 19 de agosto de 1884, e “O piano da vizinha”, *Jornal do Commercio* (SP), 25 de agosto de 1884.

⁵³ “Ao público”, *O meridiano*, ano 1, nº 1, 8 de fevereiro de 1885.

⁵⁴ Coelho Netto, “Lúcia”, *O meridiano*, ano 1, nº 1, 8 de fevereiro de 1885.

Os textos do literato não deixariam, no entanto, de afirmar seu conteúdo político, como indicava uma polêmica na qual se envolveu. No quinto número de *O meridiano*, Coelho Netto vinha a público acusar um certo Wenceslau de Queiroz de ter, dias antes, publicado, no *Diário Mercantil*, um plágio de seu conto “Primavera”, que saíra pouco mais de um mês antes. Tratava-se da história sobre um velho artista, obrigado a vender em um leilão suas obras, que publicara no segundo número do jornal.⁵⁷ Segundo o jovem acadêmico, a história escrita por Queiroz teria um enredo idêntico ao seu; a comparação entre a forma de escrita dos dois textos, no entanto, denunciaria para ele a completa falta de talento literário do oponente:

Na textura de meu conto há, a par de tal ou qual fantasia necessária para a animação e colorido dos períodos, o cunho de verdade que procurei dar desde o começo para determinar nitidamente o desenlace sombrio, depois de múltiplas transições que se sucedem durante a descrição que é fiel.

E não lhe falta objetividade nem se desmembra em guinadas poéticas ou exaltações desenxabidas e tolas de um sonhador hipocritamente piegas.⁵⁸

Ao criticar a falta de “objetividade”, que via no texto de Queiroz, Coelho Netto ressaltava aquela que seria a principal qualidade de seus textos: o conteúdo de realidade que traziam à tona. Vangloriando-se de poder descrever fidedignamente um leilão, por já ter assistido “a vários”, tendo examinado “detidamente os tipos” nele presentes e “o movimento da turba que se deixa levar pela febre de tudo possuir”, faz da crítica social a finalidade principal do texto. As fantasias porventura ali presentes seriam, por isso, meros complementos para o sentido profundo de sua prosa — sendo vazia e inútil qualquer literatura, cuja forma não se ligasse à análise da realidade. Seus textos literários seriam, assim, o fruto de muita observação e estudo da sociedade, que daria a ela uma densidade que não via no conto do rival. A literatura assumia, na pena de Netto, um caráter combativo por definição: espaço de reflexão sobre os tipos e os contextos sociais, ela constituía um meio propício de intervenção social.

⁵⁵ Coelho Netto, “O recruta”, *O meridiano*, ano 1, nº 3, 15 de março de 1885, e Coelho Netto, “O Zagalejo”, *O meridiano*, ano 1, nº 4, 8 de abril de 1885.

⁵⁶ Evidentemente, não era só Coelho Netto que se aproveitava de tal oportunidade. Segundo Sérgio Adorno, “a vida acadêmica não apenas possibilitou o aparecimento dos primeiros advogados da causa democrática, das liberdades civis e políticas, do abolicionismo e do republicanismo, como também consistiu num importante veículo de institucionalização da estética literária. (...)”: Sérgio Adorno, *Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 158.

⁵⁷ Coelho Netto, “A primavera”, *O meridiano*, ano 1, nº 2, 22 de fevereiro de 1885.

⁵⁸ Coelho Netto, “Não se emenda...”, *O meridiano*, ano 1, nº 5, 20 de abril de 1885.

Através dela, seria possível extrapolar a esfera do divertimento e da futilidade, discutindo em profundidade as questões do tempo — sendo esse o principal ponto de união que o ligava ao grupo radical, reunido em torno de Raul Pompéia.

Para além da crença compartilhada, no sentido político da literatura, entretanto, parecia haver motivações muito diferentes, na base da identidade que unia tais jovens na luta contra a escravidão — como mostravam os escritos de Coelho Netto no jornal *A onda*, um órgão assumidamente abolicionista. Enquanto seus companheiros davam forma a verdadeiros libelos radicais, batendo-se com os senhores de escravos e lutando abertamente pelo fim da escravidão, sua participação aparecia sempre de forma diferenciada. Primeiro, foi um conto, intitulado “A volta das andorinhas”, publicado em 22 de agosto, no segundo número do jornal.⁵⁹ Tratava-se de uma fábula sobre a liberdade, escrita em linguagem poética. Pintando uma paisagem européia, a história contava a volta das andorinhas, “em negro enxame”, após o fim de um longo inverno. “Onde se erguiam outrora as senzalas viam as avezinhas, adejando irrequietas, a tenda do trabalho; onde outrora cantara o prisioneiro o doloroso cântico da morte (...) ouviam elas, dos lábios das crianças, o hino dos livres”. Mais um hino à liberdade, como valor universal, do que uma exposição de argumentos contra a escravidão, como faziam seus colegas mais radicais, o texto abordava de forma sutil e indireta a questão da abolição. Abstendo-se de tratar de temas caros aos companheiros de redação, como a condição escrava ou os horrores dos castigos impostos aos cativos, dava vazão a um texto que, na própria forma, expunha um modo particular de inserção no movimento abolicionista: sob uma inspiração liberal que diferenciava sua abordagem da de muitos dos colegas mais próximos do radicalismo político, tinha em comum com eles apenas a crença no papel social a ser desempenhado pela literatura, que permitia que lutassem juntos pelo fim da escravidão.

No número seguinte, Coelho Netto publicou “No oásis”. A semelhança do título com o que dera à primeira publicação, intitulada “No deserto”, não parecia casual. Como naquela ocasião, tratava-se de um texto de inspiração abolicionista, que recorria a imagens do Saara para combater a escravidão. Com a prosa substituindo a poesia da primeira tentativa, num movimento que marcaria seu caminho como escritor, começa por descrever, longamente, a chegada de uma caravana de beduínos a um oásis, dentro do mesmo estilo que vinha marcando suas composições. Quando estão reunidos em torno da água, o velho chefe do bando começa a contar aos seus seguidores uma história, cujo conteúdo era, em termos

⁵⁹ Coelho Netto, “A volta das andorinhas”, *A onda*, nº 2, 22 de agosto de 1884.

gerais, muito próximo daquele dos primeiros versos de Coelho Netto. Relembrava a figura branca, que, pela primeira vez, “pisou a fronte negra d’essa África”, dando origem à “grande orgia bárbara das trevas”. Com ele teria vindo uma sombra, que aos poucos tomou conta de todo o continente: “e o vulto chamou-se — escravidão!” Arrancando “às mães os filhos”, esfacelando “o velho negro centenário” e desonrando as virgens “sob as frondes ao franco olhar das tribos”, o branco teria iniciado no continente um tempo de horror. “Saudades dessa prole de exilados”, dizia o velho, sentindo a ausência dos filhos e dos irmãos, levados para o “seio de um povo espoliador e miserando”, terminando todos por amaldiçoar os “filhos dos trópicos ardentes”, que levaram seus parentes. Embora mais forte e direto do que o publicado no número anterior, o conto preservava o mesmo movimento: aproveitando a imagem poética, que utilizara anos antes, na sua primeira publicação, tenta fazer de sua luta contra a escravidão uma manifestação de arte. Ao contrário da primeira tentativa, porém, tinha agora no seu engajamento concreto a substância que faltava para dar mais força à sua literatura. Longe de aparecerem para os contemporâneos como os versos vazios e ingênuos, publicados anteriormente, seu texto seria, então, a expressão artística de uma luta na qual estava decididamente envolvido. O mesmo movimento que o levava a engajar-se, brigando ao lado de Antônio Bento pela liberdade dos escravos, permitia assim que, com a pena na mão, fosse literária a contribuição que se propunha a dar.⁶⁰

Três anos após sua infrutífera primeira publicação, Coelho Netto já podia sentir o resultado das escolhas e das opções que fez em seus tempos como acadêmico de direito. Com espaço para exercitar seu estilo em letra de fôrma, foi definindo progressivamente uma forma particular de narração, cheia de imagens fantasiosas e palavras rebuscadas, que se iam tornando sua marca; ao mesmo tempo, dava um perfil mais nítido ao impulso, presente de modo ainda ingênuo nos seus versos de estréia, já dedicados à causa abolicionista. Ao fazer do engajamento com as questões sociais e da busca de um estilo próprio dois lados do mesmo movimento de afirmação de sua atividade literária, trazia para os seus textos a densidade que faltava nos primeiros trabalhos, com os quais tentou entrar no mundo das letras — conseguindo, com isso, superar o completo insucesso de seus primeiros trabalhos. Fundidas em um só ideal, o cuidado com a forma e

⁶⁰ No número seguinte do jornal, Coelho Netto voltaria a mostrar o mesmo impulso, publicando um conto, cheio de imagens poéticas, sobre uma escrava, que, fugindo com o filho, encontra um acampamento de tropeiros em que lhe dão abrigo — mas que acaba recapturada pelos feitores, voltando à “lembrança dos suplícios”: Coelho Netto, “A Evadida”, *A onda*, ano 1, nº 4, 17 de outubro de 1884.

a preocupação com o conteúdo constituiriam, a partir de então, as principais características do trabalho com o qual Coelho Netto se apresentava na imprensa como literato.

Nesses caminhos, participava do processo de solidificação de um sentido preciso para a literatura: para além da experimentação estética, caberia a ela constituir-se como espaço de reflexão sobre a sociedade. Mais do que rabiscar versos, o que podia ser feito por qualquer um, caberia ao verdadeiro literato a tarefa da reflexão social — o que, nos anos seguintes, caracterizaria, de forma mais densa, uma identidade entre os literatos de sua geração.⁶¹ Ao atribuir à atividade literária um caráter missionário, fazia de seus versos e de sua prosa verdadeiros instrumentos de luta. Envolvido com uma sociedade que via em transformação, em meio à regressiva falência de uma ideologia de domínio, baseada nas relações de dependência, buscava na luta abolicionista o caminho para uma nova sociedade, da qual se colocava como tutor.

Ao fim de 1884, o sucesso que Coelho Netto alcançara nos círculos acadêmicos paulistanos já lhe permitia tentar vôos maiores. Enfrentando novamente problemas para terminar o segundo ano, transferiu-se outra vez para Recife, para tentar obter a nota necessária à aprovação. Um novo insucesso no Nordeste, porém, acaba por levá-lo a uma decisão definitiva. Após um breve retorno a São Paulo, muda-se de volta para a Corte.⁶² Já seguro de seu talento, abandona definitivamente a pretensão de fazer-se advogado, assumindo a tentativa de tirar das letras o seu sustento. Fazia-o, agora, em condição muito diversa da dos anos anteriores, graças à experiência que tivera nas barricadas da Academia de São Paulo. Com uma literatura cujo esmero da forma correspondia ao envolvimento profundo com a sociedade, apresentava-se à imprensa carioca com um perfil muito mais definido do que o do jovem que era dois anos antes. Tratava-se, enfim, de um literato.

⁶¹ Para o desenvolvimento deste argumento, ver Leonardo Pereira, *O carnaval das letras*, Rio de Janeiro, Sec. Municipal de Cultura, 1994, em especial o capítulo “Rimando sonhos no Império da folia”. Sobre a continuidade de uma concepção militante da literatura, em anos posteriores, ver Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

⁶² Cf. Paulo Coelho Netto, “Imagens de uma vida”, *op. cit.*, p. LXXXV.

